

» Quito, cidade oculta

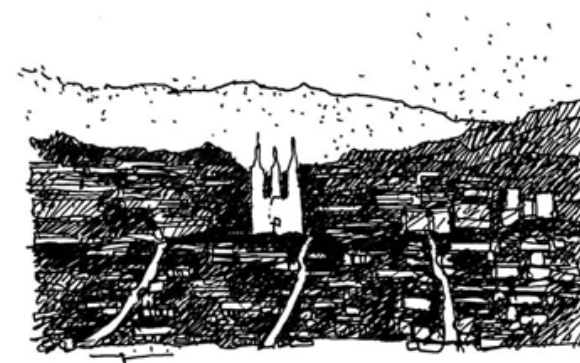
A vida nas cidades contempla a interação social e a percepção do mundo como resultado de um momento histórico ou do lugar que tem na cultura o nexo social, os vínculos econômicos, a língua, a forma mesma em que se concebe o *ethos citadino*. Assim também a forma como se dispõe uma multiplicidade de aspectos que respondem a uma periodização, a vicissitudes naturais, a mudanças político-econômicas, a movimentos migratórios, enfrentamentos bélicos, ao surgimento de ideias que se constituem em novos paradigmas para entender o que foi pensado de uma forma e se transforma em outra coisa, produzindo uma reviravolta na vida do espírito e, que finalmente, dá conta de uma complexa evolução. Nesse sentido, podemos pensar que as cidades modernas não são os templos, as ruas, as escolas, as praças, as edificações, mas sim a ordem social e o sistema de relações que tramam uma cultura das ruas, escolas, instituições etc. (Ospina, 2015).

Na Cordilheira dos Andes, lá longe, no horizonte, podem se vislumbrar os momentos fundacionais da cidade de Quito, as lutas que deram lugar ao “encontro de duas culturas”, no qual se destacou a cosmovisão daquele que triunfou com suas vilezas e bondades. Esse ato fundante, como todo acontecimento desse gênero na América Latina, foi uma obra eminentemente política, como afirmação de um fato de con-

quista (Romero, 1986). Assim, a cidade foi pensada como uma urbe que reproduzia maneiras trazidas por aqueles que buscavam repetir o distante e torná-lo próximo. A instauração de uma língua, a legitimação de determinadas formas simbólicas e a destruição de outras que ficaram no esquecimento ou que perduraram em um tipo de sincretismo nas novas: um novo Deus, novos cultos, novos referentes linguísticos, novas formas de interação, primazia de formas estéticas determinadas e silêncio sobre o inefavelmente novo, como uma maneira de negação da inédita realidade que se impõe como um fato. Assim,

apreender a América em sua turbulência, sua complexidade e em sua enfática estranheza, necessitaria uma linguagem nova, um tom muito afastado dos costumes de sua época, em uma crueza e uma audácia que o fariam irreconhecível aos olhos de seus contemporâneos.¹ (Ospina, 2012, p. 22)

O traçado da velha urbe, e também da nova, responde ao tempo como esse grande demiurgo profano, em uma forja feita de seres humanos que se lançam à vida por meio de ações. O fazer, neste sentido, cria história e se constitui na forma em que se estrutura um momento e transcende o instante. Não obstante, a forma em que a urbe é visualizada, em todo seu esplendor



e em seu doloroso declínio, em seu vigor e em seu lânguido ocaso, é um olhar que revela uma posição. Para quem as edificações do século XVI são construções arcaicas e anacrônicas, a cidade antiga é uma ruína e algo a ser derrubado devido a seu arcaísmo. Quem não considera a história dentro da perspectiva do novo século e ignora a evolução de uma rica e heterogênea tradição não olha somente um horizonte limitado por seu imediatismo, motivo pelo qual supõe que as formas urbanas coloniais devem ser ocupadas por espaços funcionais, com avenidas amplas e em um tom afeito ao cada vez maior fluxo de veículos, ao mesmo tempo que transformadas pelas exigências do mercado imobiliário.

Para o historiador e o arquiteto, assim como para o arqueólogo e o urbanista, a zona colonial é uma galeria de estilos, de formas singulares de edificação, um panorama que ilumina o passado cheio de personagens esquecidos e de uma vida que imagina acontecimentos históricos, costumes, intrigas, repartições públicas e empresas privadas. As canções que são cantadas em celebrações falam de lugares difíceis de identificar (La Guaragua), ao mesmo tempo que as lendas que são contadas supõem momentos ausentes e acontecimentos esquecidos ou pensados a partir de uma posição moral localizada em outra época. Uma urbe que no final do século XVI e começo do século XVII contava com três universidades nas quais se formou grande parte da intelectualidade da América Latina, do México ao Rio da Prata (Meza Cepeda e

Arrieta de Meza, 2006). Ainda que na Cidade do México, Bogotá e Lima existissem universidades, as de Quito atingiram um prestígio que fez que a cidade se chamasse “o monstro de três cabeças”, um tipo de Cão Cérbero, uma questão que, como representação, leva a pensar no significativo da metáfora. Porque Quito é isso, uma metáfora, um espaço cultural situado em uma agreste topografia, onde a religiosidade se objetivou em templos de grande valor estético, ao mesmo tempo que a plástica iluminou uma importante escola pictórica.

Uma cidade nos Andes, a quase 3.000 metros de altura, que não chegava aos 25.000 habitantes no final do século XVI, na qual se produzem acontecimentos, se gestam ideias e se ensina. Sua maior fonte



*Grupo Psicoanálisis Quito.

1. N. do T.: Esta e as demais citações são de tradução livre, salvo se especifique o contrário.



de riqueza, em seus inícios são os batanes², que enviam tecidos para grande parte da América Hispânica. Seus habitantes empreendem cruzadas em busca de riqueza, esquadrinham novas geografias e, de forma similar, são estabelecidas rotas que unem a serra com a costa e oriente selvático, articulando regiões às quais se tinha pouco acesso.

As vontades coletivas que acolhem a modernidade, o barroco, a educação, o romanticismo, a ciência se transformam frente ao novo, ao subsistirem formas sociais que procedem do Medievo, que se nutrem de um pensamento escolástico e buscam com ímpeto estender, ao mesmo tempo que manter, uma visão de mundo que renega o mundano. São questionadas e se veem ameaçadas tradições e histórias, formas de ser e fazer (Berman, 1989). Mas – *e pur si muove* –, desde as façanhas libertárias, as disputas que geram o fracionamento dos países, causadas pela avidez dos caudilhos, a cidade de Quito se consolidada como o centro político de um novo Estado. As lutas para colocar em ordem um conglomerado caótico e heterogêneo, além dos modelos para que germine um Estado laico e uma nova ordem social nos encontram no século XX.

As ideias, que movem mentes inquietas que buscam horizontes universais nas letras, trazem para a urbe imagens plenas de esplendor, de lugares distantes, concomitantemente a um potente progresso e desenvolvimento. Nessa tônica, grupos de irrequietos artistas plásticos e escritores leem textos de Freud nos inícios dos anos vinte, graças à tradução de Luis López Ballesteros e de Torres. Abre-se um caminho para ideias que mostram a riqueza e diversidade de um mundo múltiplo no espaço individual, ao mesmo tempo que se matiza o olhar de uma realidade que se centra em um novo século, acompanhado por lutas fraticidas, massas que ultrapassam o conhecido e incendeiam a cidade. A força das ideias germina e reproduz em Quito os debates e

2. N. do T.: Máquinas destinadas a transformar alguns tecidos com a trama muito aberta em tecidos com a trama mais densa.

as confrontações que no mundo significaram um fracasso da humanidade, enquanto a razão iluminou campos de concentração, gulags e a grande fome que acompanha genocídios inauditos. As ideologias que movem massas e o desenvolvimento do poder bélico não têm paralelo na história da humanidade, e, em razão do apontado, enfrenta-se a ameaça da aniquilação.

Quito vive o instante da humanidade, com expectativa e à distância, vislumbrando processos que incidem no caminho que vai sendo traçado portas adentro. A dinâmica de um processo histórico e a forma na qual as ideias se permeiam impulsionam um movimento no qual a trama do novo se cozinha no subsolo de pequenos cenáculos (Valencia Sala, 2007).

A psicanálise não é uma exceção; nasceu na cidade, abrigada em palavras e histórias, mais ligada à arte que vinculada à prática clínica. Este nascimento marca a índole e o destino das ideias, situando-as no plano da ficção e na ordem da criação literária, que vive as vicissitudes de uma luta que persegue o modernismo promovendo uma estética ligada ao realismo socialista, luta na qual indiretamente se sanciona a psicanálise por considerá-la uma disciplina que prospera na individualidade e, por conseguinte, em uma ideologia burguesa. Se há equívocos trágicos, esse é um deles, ao limitar e restringir um rico horizonte de ideias.

O caminho percorrido e um segundo nascimento da psicanálise ocorre em um complexo momento do contexto latino-americano dos anos setenta, junto com o resgate do centro histórico e seu imenso acervo arquitetônico, ao que não escapa um patrimônio intangível recuperado de histórias, personagens, livros, canções, comida e costumes. A psicanálise retorna assim, em instantes em que são revividos momentos históricos, são visibilizados conflitos sociais que sempre estiveram presentes, são descobertos espaços ocultos e transitam pela urbe personagens esquecidos, restituídos ao imaginário social. Retornam as ideias psicanalíticas quando se recupera o passado da cidade e se inaugura um anár-

quico crescimento, fruto da presença de novas fontes de riqueza. A cidade prospera e vai mostrando uma face diferente, a um ritmo que as condições econômicas não permitiam até há pouco tempo, enquanto o passado se descobre e ancora a urbe a uma rica tradição. Ideias novas, pela mobilidade de pessoas de diversos países, precipitam-se e tiram de um sono letárgico os habitantes da capital. Quito se faz presente através da densa neblina com a que amanhece e vai se recuperando, em um movimento que se encontra ainda incipiente, uma vibração que a incorpora ao mundo. Na América Latina, dizíamos, foram vividos os anos de chumbo nos anos setenta pelas mudanças e pela força dos conflitos sociais que despertaram uma reação de violência dos Estados Unidos, ao mesmo tempo que isso obrigou muitas pessoas a abandonar seus países. Esta questão permitiu que muitos intelectuais, pesquisadores de diversas áreas – em conjunto com psicanalistas –, se hospedassem tornando-se imponderáveis mestres que contribuíram com sua capacidade, da mesma forma que ocasionaram uma significativa transformação. É a oportunidade em que diferentes percepções confluem e se consegue estabelecer uma distância com o novo e o que permaneceu, em um exame que capturou a riqueza do próprio por meio de um agudo e atento olhar, a partir da diversidade; esse é o transe no qual se geraram novos acontecimentos e o mundo citadino adquiriu corpo.

Conhecer a cidade de Quito em sua evolução é situá-la na linha das palavras, as que iluminam sua topografia e tecem a trama das ruas, dos edifícios, das presenças e das ausências. As palavras definem espaços e conduzem a lugares pouco conhecidos para os próprios habitantes. As vozes que davam nome a colinas e espaços habitados passaram a ter nomes castelhanos como uma forma na qual se expressa a posse dos lugares. Além disso, as maneiras pelas quais a mestiçagem foi representada, na expressão de um modismo do lugar, falam dos homens que habitam a cidade como *chullas*. Esse termo se entende como



“metade ou uma parte de algo”. Quando se fala de um par de meias, se diz “um par de meias”, e quando se fala de apenas uma meia, se diz “chulla meia”. O mestiço, nesse sentido, é um chulla, uma vez que é metade descendente de espanhol e metade descendente de indígena ou afro, ao mesmo tempo que amorenado pelas origens e graças a um intenso sol de alturas montanhosas. É aquele que carece de unidade porque sua interioridade cavalga entre dois mundos, questão que faz dele um sujeito trágico, que em sua fatalidade se pensa como uma consciência desafortunada.

A metamorfose que muda a apropriação de si subverte a carência e tece uma formidável singularidade que só é alcançada em e pela linguagem, uma vez que essa se constitui no meio privilegiado do vínculo com outro, em potente articulação. De modo semelhante, colocar em palavras o olhar que fala da cidade é mostrar uma cidade falada, cheia de vida e de movimento, tal como por meio da linguagem é factível fazer o que fazemos quando traba-

lhamos como psicanalistas. Não obstante, é preciso estarmos atentos porque o falar é problemático. É habitual que quando se diz: “Não me fale” ou “Vou te falar”, não se esteja mencionando algo relativo a fazer uso das palavras para explicar, descrever e delimitar algo, mas que se denote crítica, um chamado de atenção ou uma forma de punição. “Vou te falar” quer dizer “Vou te repreender” ou “Vou te advertir”. Quando a linguagem adquiriu essa forma? Quanto da linguagem nos enche de suspeita e se constitui em um estorvo? É, quem sabe, fruto da imposição de uma língua que para expressar e conduzir uma mensagem tinha que ser articulada a gritos?

O que se semeou nos anos setenta, continuou com um sustentado incremento, durante os anos oitenta e noventa, com a visita de inumeráveis psicanalistas à urbe. Assim como, ao mesmo tempo, o retorno de quem buscou horizontes de formação e trabalho em lugares próximos e distantes, foi dando frutos nos oitenta, noventa e na primeira década de 2000. É neste avanço do trem



da história, que entra em jogo a possibilidade de dar um alcance internacional a um grupo de estudo, que nasce com o novo século. Ao mesmo tempo procura-se recolher um legado e se projetar a um espaço mais amplo de ideias, de práticas, de um pensamento pujante no âmbito internacional e que recebe uma acolhida generosa e interessada de grupos e associações. O esforço é enorme, mas é um afã compartilhado no qual os intercâmbios são ricos e enriquecedores. Ao abrir os limites das fronteiras do pensamento, abre-se a apreensão do real, e a perspectiva de um mundo que corre o risco de se esgotar em um tipo de alienação no dia a dia, transforma-se em um grande assombro, ao incluir diferenças que outorgam novos significados ao existente.

São a cidade de Quito como ideia e a psicanálise como destino o que leva a situar o problema entre dois eixos, tal como o formulamos: um, o *arjé*, e outro, o *telos*. Entre um princípio arcaico que se aproxima da construção de mitos, de lendas e de tradições, e um fim que está colocado em um

horizonte por vir, em uma elaboração que toma como *leitmotiv* a história.

REFERÊNCIAS

- Berman, M. (1989). *Todo lo sólido se desvanece en el aire*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- Calvino, I. (2019). *Las ciudades invisibles*. Madrid: Siruela.
- Meza Cepeda, R. D. e Arrieta de Meza, B. M. (2006). Coexistencia de tres Universidades en el Quito Colonial (1681-1769). *Revista Venezolana de Ciencias Sociales*, 10(2), 415-429.
- Ospina, W. (2012). *Las auroras de sangre*. Bogotá: Random House - Mondadori.
- Ospina, W. (2015). *La lámpara maravillosa*. Bogotá: Random House - Mondadori.
- Romero, J. L. (1986). *Latinoamérica: Las ciudades y las ideas*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- Valencia Sala, G. (2007). *El círculo modernista ecuatoriano*. Quito: Corporación.